



## RESENHA

MORICONI, Ítalo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Maurício Silva\*

Após um oscilante trajeto de alto e baixos, ao longo de quatro séculos de Literatura Brasileira, a produção poética finalmente conheceu, no século XX, seu período áureo, atingindo definitivamente a plenitude como manifestação literária e o reconhecimento como expressão cultural. Plenitude e reconhecimento limitados, cumpre dizer, mas ainda assim em situação vantajosa se compararmos a épocas anteriores, cuja precariedade de condições de produção e divulgação foram a tônica de sempre.

É essa história marcada por uma heterogeneidade flagrante que Ítalo Moriconi pretende contar em seu novo livro (*Como e Por que ler a Poesia Brasileira do Século XX*), numa abordagem que vai dos primeiros anos do século, com o advento do Modernismo, até as mais recentes tendências poéticas que compõem nossa literatura contemporânea.

Com esse intento, o autor começa tecendo considerações sobre a importância da Música Popular Brasileira para a cultura nacional, passando a analisar as várias possibilidades de intersecção entre música e literatura, particularmente entre música e poesia. Nesse sentido, teria ocorrido no Brasil uma natural aproximação entre as fronteiras do popular e do erudito, sem as polêmicas em torno do pós-modernismo que marcaram outros países: trata-se de uma singular revolução cultural a que o autor não hesita em chamar de *revolução pop*.

É nesse contexto que música e poesia passam a estabelecer um diálogo fértil, com a contribuição da literatura à letra das músicas e com a incorporação da canção popular ao patrimônio literário. Tendo sido uma relação fundamental da poesia portuguesa na Idade Média, a aproximação entre música e poesia deu novo alento a esta última nos tempos modernos:

\* Maurício Silva, Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Centro Universitário FMU e Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo. E-mail: maurisil@bol.com.br.

se o lírico é o gênero poético básico porque expressa a apreensão imediata do mundo por um eu que vê e/ou sente, a verdade é que, em suas remotas origens europeias, ele tem a ver com “lira” e com música. E do ritmo entre pausado e acelerado da fala solene ou burlesca do poema pode-se com facilidade e criatividade invadir a área do compasso musical. A expressão lírica essencial transita facilmente do ritmo poético para o compasso musical e vice-versa. (p. 17)

Assim, como conclui o autor, pode-se dizer que “estamos vivendo uma nova era lírica, dominada pela música” (p. 24).

Começando seu percurso histórico-crítico pelo *século modernista*, o autor faz considerações diversas sobre a produção poética que vai da década de 1920 – comentando e analisando o legado poético de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Murilo Mendes, João Cabral e outros – até meados do século XX, com a instalação no país de uma cultura francamente *pop*, a partir do advento do Tropicalismo, do *rock*, da contracultura etc., tudo incidindo direta ou indiretamente sobre a produção poética nacional.

Destaca-se, nesse contexto, a poesia concreta nos anos 50 e 60, trazendo para a tradição literária brasileira novos enfoques do poético, como a interação entre as linguagens verbal e visual; a valorização do sentido amplo da *comunicação*, por meio da mídia; o anti-retoricismo na forma e a anti-referencialidade no conteúdo, etc. Promovido por poetas como Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari e outros, o autor afirma acerca do Concretismo:

o que o poema concreto faz, portanto, é realçar ao máximo a dimensão visual/espacial que sempre existiu desde que a poesia tomou-se um fato literário. Reduz o texto àquilo que pode ser comunicado pela imediata impressão visual. Poesia em tempo real. Não mais a *duração* como atributo do poético. A duração no tempo é o atributo básico de toda e qualquer discursividade. Os concretos querem comunicar a imediatividade do estímulo visual. Tiram do texto tudo o que já represente um acréscimo de sentido dentro de uma elaboração de linguagem. A palavra lhes basta como material de poesia. (p. 115)

Nos anos 70, sobressai-se a chamada poesia marginal que, além de receber, diretamente do Modernismo, uma herança estética, caracteriza-se sobretudo pelo emprego da música popular brasileira no plano lírico, pela temática politizada e ideológica e pelo uso de uma linguagem coloquial (por meio de gírias, palavras etc.). Tendo como principais autores nomes como os de Francisco Alvim, Chacal, Ferreira Gullar, Glauco Mattoso, Paulo Leminski, Ana Cristina

César e outros, pode-se dizer da geração de 70 que ela

foi *pop* e contracultural. De esquerda, mas popificada. Dela saiu a chamada poesia marginal. Marginal no sentido de marginal aos sistemas vigentes. Sistema editorial, sistema do cânone, sistema da vanguarda concreta. Os poetas e artistas dos anos 70 eram filhos espirituais da geração 68, mas com elas já não se confundiam em termos de experiência vivida, apesar da identidade de valores. (p. 131)

Finalmente, nos anos 80 e 90 pode-se dizer que vigorou a poesia pós-moderna, que busca superar os cânones literários fixados décadas antes, além de, de certo modo, esvaziar o tom exageradamente politizado atingido por alguns representantes da geração anterior, optando, do ponto de vista linguístico, por um *coloquial desleixado*. Caio Fernando Abreu, Roberto Piva, Valdo Mota, Paulo Henriques Britto e Antonio Cícero são alguns nomes que compõem essa nova geração de poetas brasileiros, de quem o autor afirma: “a nova geração de poetas dos 90 retoma certa seriedade literária. Elas e eles trabalham em função de projetos literários. São projetos individuais, autoformativos, permanecendo o descaço pela questão da responsabilidade social ou civil do poeta” (p. 136).

Utilizando uma linguagem despojada, mas congruente, que se aproxima de uma dicção “jovem” e independente das amarras do academicismo, Ítalo Moriconi logra não apenas expor um quadro extenso de nossa produção poética decimonônica, mas também refletir acerca de fenômenos culturais que permitiram o surgimento e a consolidação de um dos capítulos mais ricos de nossa historiografia literária.